

# O PROCESSO AUTOTRADUTÓRIO EM CONTEXTO LITERÁRIO: REFLEXÕES SOBRE OS NÍVEIS DE LEITURA DE ELEMENTOS DA CULTURALIDADE BRASILEIRA PRESENTES NA TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA DO CONTO *INÁCIO*<sup>1</sup>

## AUTORES

**LISBOA, Israel**

Docente da União das Faculdades dos Grandes Lagos – UNILAGO

**SERPA, Talita**

Docente Convidada da União das Faculdades dos Grandes Lagos – UNILAGO

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o processo de autotradução no contexto literário, utilizando como base as estratégias autotradutórias na direção português → inglês do conto *Inácio* (2016), escrito pelo presente autor/tradutor. Para tanto, foi preciso dividi-la em quatro momentos: no primeiro, embasamo-nos nas teorias de Adler e Van Doren (2010), que trazem os quatro níveis que qualquer leitor necessita compreender; no segundo, adentramos os estudos tradutórios com o auxílio do estruturalista Jakobson (2008), da funcionalista Nord (2006), do descritivista Even-Zohar (2012) e da especialista em estudos que envolvem interpretações culturais, Baker (1992); no terceiro, utilizamos Tanqueiro (2002) e Martins (2011) a fim de compreender o conceito de autotradução; por fim, no quarto momento, o autor/tradutor apresenta seu conto e expõe caminhos na composição deste, bem como, aponta a importância de ser um leitor sintópico (ADLER, VAN DOREN, 2010) no ato da recriação/tradução. Os resultados destacam que todo tradutor é um criador, e embasa-se tanto nos estudos tradutórios, quanto nos níveis de leitura para elaborar uma obra em outro idioma. Na autotradução, verifica-se que o autotradutor tem maior flexibilidade para realocar elementos culturalmente marcados de sua obra quando necessário.

## PALAVRAS - CHAVE

Autotradução. Criação. Níveis de leitura.

<sup>1</sup> Este trabalho corresponde a um recorte de uma pesquisa mais longa realizada pelo autor principal como projeto de Iniciação Científica no Curso de Bacharelado em Letras com Habilitação em Tradução e Interpretação.

## ABSTRACT

The present research aims to investigate the process of self-translation in the literary context, using, as the basis, self-translation strategies in Portuguese → English direction of *Inácio* (2016), a short story written by the writer/translator. For this, it was necessary to divide it into five parts: In the first one, we observe theories of Adler and Van Doren (2010), who brought the four levels that any reader needs to understand; in the second one, we enter into the translation studies with the structuralist Jakobson (2008), the functionalist Nord (2006), the descriptivism Even-Zohar (2012) and the specialist in cultural studies Baker (1992); in the third one, Tanqueiro (2002) and Martins (2011) in order to understand the concept of self-translation; finally, in the fourth one, the author / translator presents his short story and exposes paths in its composition, as well as, points out the importance of being a syntopic reader (ADLER; VAN DOREN, 2010) in the act of recreating/translating. The results highlight that every translator is a creator, and is based on both translational studies and reading levels to prepare a work in another language. In self-translation, it appears that the self-translator has greater flexibility to reallocate culturally marked elements of his work when necessary.

## 1. INTRODUÇÃO

Partindo-se da hipótese de que a autotradução é um processo promovido por um autor/tradutor bilíngue, o objetivo geral deste artigo é investigar como um autor que caminha entre dois idiomas desenvolve habilidades para conduzir a carga cultural presente em uma de suas obras para outro sistema linguístico. Para tanto, trabalhamos tal procedimento dentro contexto literário, na direção português → inglês de tal forma que o autor<sup>2</sup>/tradutor realizou a tradução de um de seus contos, *Inácio*<sup>3</sup> (2018). Desta forma, dividimos o trabalho em cinco momentos.

No primeiro, preliminarmente, embrenhamo-nos no universo da produção textual, expondo a importância de ser um bom leitor para um criador que deseja caminhar nas áreas de desenvolvimento de textos. Assim sendo, voltamo-nos para as teorias de Adler e Van Doren (2010) sobre os níveis de leitura. Tais teóricos explicam que, para ser um bom criador é preciso ser um leitor sintópico, ou seja, denominar a decodificações de palavras, identificar a estrutura da obra, imiscuir o texto e, fazer relações deste com outros textos existentes.

No segundo momento, adentramos a teoria tradutória procurando criar um paralelo entre suas vertentes e os níveis de leitura. Dentre eles comparamos os estudos estruturalistas de Roman Jakobson (2008) com o nível elementar; os estudos funcionalistas de Christiane Nord (2006) com o inspeccional; os descritivos de Even-Zohar (2012) com o analítico e, os estudos de ordem cultural produzidos por Baker (1992) com o sintópico. Percebemos que há semelhanças entre os graus de leituras em relação os estudos tradutórios e, além disso, essas vertentes fazem parte de um mesmo universo, elas não se separam, mas se complementam.

No terceiro momento deste trabalho, construímos um panorama a respeito da autotradução. De acordo com a teoria de Tanqueiro (2002), a prática autotradutória surge quando o autor é bilíngue e ele sente a necessidade de atingir outros leitores com sua criação. Para tanto, deve levar em conta que está trabalhando em novas terras e há regras a se seguirem, como a relação de temporalidade, a nova cultura, e o novo público-leitor-receptor. Além disso, Martins (2012) observa que as obras autotraduzidas contêm desvios feitos pelo próprio autor quando transfere sua obra para outro idioma.

No quarto momento, apresentamos um breve resumo da estória que o conto *Inácio* narra. Tratam-se dos acontecimentos que se referem à noite em que a personagem principal da obra é assassinada no interior do estado de São Paulo, Brasil, e como o detetive responsável soluciona o caso e encontra o criminoso.

Por fim, dispomo-nos a analisar a autotradução da obra na direção português → inglês, e, a partir disso, apresentar quais foram os caminhos percorridos pelo autor/tradutor. Por conseguinte, notamos que o autotradutor

---

<sup>2</sup> Pesquisador principal desta investigação.

<sup>3</sup> Conto publicado pela editora Clube dos Autores, o qual pode ser encontrado nas plataformas digitais da Amazon. Livraria Cultura, Google play, Kobo e Apple.

fez adaptações necessárias quando se deparou com elementos da culturalidade brasileira, uma vez que o texto precisa estar acessível para o seu público-alvo. Outros elementos, no entanto, foram mantidos por meio de empréstimos, pois acredita-se que podem ser apresentados e englobados pela cultura de chegada, auxiliando a criação de novos movimentos literários.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### *A língua em relação à comunicação escrita*

O texto e a leitura são componentes linguísticos que andam sempre juntos. Neste sentido, Adler e Van Doren (2010) trazem, no primeiro capítulo de sua obra, um guia a respeito de como ler e entender livros a partir de seus fatores linguísticos. Para os teóricos, o escritor ou o enunciador deve trabalhar de forma correta para que a mensagem chegue até o ouvinte ou leitor:

O escritor e o falante têm de se esforçar em suas atividades, ao passo que esforço semelhante não é requerido pelo ouvinte ou pelo leitor. Leitura e audição são consideradas comunicações receptoras, ao passo que escrita e fala são consideradas comunicações transmissoras (ADLER; VAN DOREN, 2010, p. 27).

Os autores comparam o leitor e o ouvinte com um apanhador de beisebol ao passo que a bola é caracterizada como qualquer tipo de comunicação. O dever do interlocutor é treinar, pois se, por qualquer eventualidade, não estiver preparado, não conseguirá apanhar a bola/mensagem. É com o treino que o interlocutor evolui e alcança níveis mais elevados de interpretação textual. Para melhor mostrar essa ideia, vejamos uma tabela com os níveis de leitura criada a partir das explicações de Adler e Van Doren (2010):

Quadro 1 - Níveis de Leitura	
Níveis de leitura	Especificações
<u>Leitura Elementar</u>	Leitura aprendida no período da educação infantil; decodificação de palavras; a criança está concentrada na linguagem empregada pelo autor; pergunta chave: "o que diz a frase?"
<u>Leitura Inspeccional</u>	Examinar e aprender tudo o que há na superfície de um livro; perguntas-chave: "O livro é sobre o quê?"; "Qual a estrutura do livro?"; "Em quais partes o livro é dividido?"; "Que tipo de livro é: romance, história, ciência?"
<u>Leitura Analítica</u>	Atividade mais complexa e sistemática. O leitor adquire o livro e imiscui-se a ele até que o livro efetivamente lhe pertença. Leitura analítica é mastigar e digerir.
<u>Leitura Sintópica</u>	Ler, comparar e fazer relações entre o livro que se lê e outros existentes.

**Fonte: Adaptado de Adler e Van Doren (2010, p.38-40)**

No primeiro nível de leitura, o aprendiz ainda está em desenvolvimento e o exercício é feito somente com o propósito de adquirir novos vocabulários e seus significados. Segundo, ao adquirir experiência na leitura elementar, o indivíduo terá a habilidade de identificar diferentes tipos de texto e linguagens empregadas em cada um, dessa forma estará apto a entrar em um nível maior, o inspeccional. Na leitura inspeccional, o processo é feito de maneira mais rápida, de forma que o indivíduo não necessite parar a todo momento para buscar os significados no dicionário, pois terá adquirido domínio na leitura elementar (cf. ADLER e VAN DOREN, 2010, p. 51).

Após entender do que se trata o assunto do livro, identificar o seu gênero e fazer uma leitura superficial da obra, o indivíduo partirá para o terceiro nível de leitura, a analítica. Nesta etapa, é preciso chegar a um acordo com o autor, de fato ter uma conversa, concordar e discordar com os assuntos inseridos no texto em questão. É tarefa do leitor interpretar o texto e fazer uma análise crítica sobre o assunto, ou seja, mastigar todo o assunto e digerir

para que possa formar suas opiniões com base no que está escrito e em seu conhecimento de mundo a respeito do assunto. O conhecimento de mundo do leitor fará com que ele teça relações com a obra que está lendo e este processo está ligado ao último nível de leitura.

A leitura sintópica abrange todos os outros níveis, assim, é preciso utilizar todos os passos referidos aos níveis de leitura anterior; por exemplo, na leitura analítica, o leitor sondava todos os aspectos do livro, como notas do autor, capa e contracapa e etc., nesta etapa ele estaria apto a identificar o assunto do livro e este é um dos primeiros passos para a leitura sintópica, pois o ajuda a encontrar a bibliografia certa para fazer referências a outras obras. A partir de então, o leitor se embasa em diversas opiniões de autores diferentes e molda uma visão a respeito do assunto que estará lendo (cf. ADLER; VAN DOREN, 2010, p 337-8).

Embora leve tempo para aperfeiçoar a leitura, o escritor/autor deve ter em mente que ele só pode entrar em um jogo com o leitor se os dois trabalharem juntos. Ao autor/criador que não for um pesquisador restam apenas palavras soltas e desorganizadas em um livro em branco. Se o seu objetivo é captar o leitor e fazer com que percorra corretamente os ramos narrativos, o criador deve, previamente, arar seu terreno, semear com palavras-chave para que no futuro seu leitor possa colher e comer o fruto literário. Não há uma boa colheita se o solo for infértil. Em suma, a boa e velha recomendação é sempre válida. Ler para escrever.

Partindo da premissa de que todo criador investiga a língua antes da criação, afirma-se aqui que o mesmo ocorre no processo tradutório, visto que, o tradutor conhece todos os desvios tanto da língua de partida (LP) quanto da língua de chegada (LC). Bezerra (2012, p. 47) cita que “o processo tradutório é um processo criador e, por consequência, a tradução também é criação, pois nela interagem duas instâncias criadoras – o autor do original e seu tradutor.” O tradutor, portanto, necessitará passar pelo mesmo processo de leitura do texto fonte (TF), espelhando, assim, a sua criação no suposto entendimento das intenções do autor original.

### ***Os estudos tradutórios e suas relações com os níveis de leitura***

Para que possa realizar a investigação sobre o processo autotradutório proposto nesta investigação, consideramos ser interessante promover um paralelo entre as teorias sobre níveis de leitura que engendram esta análise e algumas hipóteses abarcadas pelos Estudos da Tradução.

Quando se pensa em tradução, o que vem à mente é o ato de transferir. No que compete aos textos, traduzir é converter algo escrito em uma língua para outra. Jeremy Munday, em sua obra *Introducing Translation Studies*, publicada em 2004, apresenta algumas definições a respeito da tradução:

O termo tradução em si tem diversos significados: pode se referir a um campo de assunto geral, ao produto (o texto que foi traduzido) ou ao processo (o ato de produzir a tradução, ou seja, traduzir). O processo de tradução entre duas línguas escritas distintas envolve o tradutor mudando um texto originalmente escrito (o TF) em sua língua original (a língua fonte) para um texto escrito (texto alvo) em uma linguagem verbal diferente (língua-alvo ou língua-alvo) (MUNDAY, 2004, p. 5, tradução nossa).<sup>4</sup>

Desse modo, a tradução assemelha-se a uma correspondência que se coleta em um endereço e se leva a outro; todavia, a maior discussão não está no destino, mas no caminho que aquela toma até chegar lá.

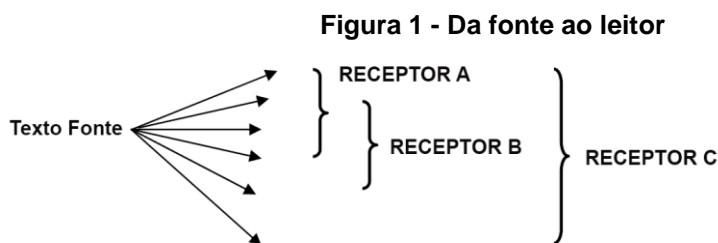
---

<sup>4</sup> *The term translation itself has several meanings: it can refer to the general subject field, the product (the text that has been translated) or the process (the act of producing the translation, otherwise known as translating). The process of translation between two different written languages involves the translator changing an original written text (the source text or ST) in the original verbal language (the source language or SL) into a written text (the target text or TT) in a different verbal language (the target language or TL).*

O estruturalista russo-americano Roman Jakobson (2008) apresenta apenas três tipos de tradução: intralingual, interlingual e intersemiótica.

- 1) A tradução intralingual ou *reformulação* (*rewor-ding*) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (2008, p.63-4).

No entanto, no que concerne à teoria da tradução vista de uma perspectiva funcionalista, Christiane Nord (2006) explica que o texto é um produtor de informações no qual o receptor, ou seja, aquele que recebe a mensagem e a decodifica, lê e, com base no que entendeu, tira suas próprias conclusões sobre o que está escrito. Contudo, há suposições de que cada receptor pode receber, ou seja, entender apenas uma parte das informações contidas neste texto como mostra o organograma a seguir:



**Fonte: Adaptado de Nord (2006, p. 132)**

De fato, todo texto traz diferentes leituras, isso é devido ao conhecimento prévio de cada leitor e ao contexto histórico que implica também na tradução, visto que, **todo tradutor também é, previamente, um leitor**. Ainda que a estrutura não seja o foco dos estudos funcionalistas, os objetivos são analisar como o texto chega a cada indivíduo, no caso, o tradutor, e como ele o gerencia de acordo com os tipos textuais.

Além da leitura inicial superficial, a proposta funcionalista requer que o tradutor faça uma leitura mais profunda da obra, em outras palavras, saímos do plano estrutural e chegamos à leitura inspecional. Nesta, o tradutor procura reconhecer profundamente a obra, para que possa identificar intenções implícitas, identificando-se ainda mais com os Estudos Descritivos.

O linguista e crítico descritivo israelense Itamar Even-Zohar (2012) discorre que tudo está ligado em apenas um conjunto de sistemas que integram o polissistema. Neste sistema, todos os aspectos concretos e abstratos estão organizados e ligados uns aos outros. Com isso, a tradução é um sistema dentro de um sistema maior, ou seja, um subsistema. O objetivo de autor é apresentar a literatura traduzida como relacionada com os demais sistemas.

Even-Zohar, em seu capítulo intitulado *The position of translated literature within the literary polysystem* (2012), argumenta que obras traduzidas se correlacionam apenas de duas maneiras:

- (a) na maneira como seus TF são selecionados pela literatura-meta, os princípios de seleção nunca serão não-correlacionáveis com os cossistemas domésticos da literatura-meta (colocados de maneira mais cautelosa); e (b) na maneira como adotam normas, comportamentos e políticas específicas - em suma, em seu uso do repertório literário - que resultam de suas relações com os outros cossistemas domésticos<sup>5</sup> (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 192-3, tradução nossa).

---

<sup>5</sup> (a) in the way their source texts are selected by the target literature, the principles of selection never being uncorrelatable with the home co-systems of the target literature (to put it in the most cautious way); and (b) in the way they adopt specific

Na primeira, o autor argumenta que a literatura de chegada escolhe um texto para traduzir, seja ele de grande conhecimento ou não em seu ambiente domiciliar, independente da hierarquia deste país de origem, na qual grandes obras permanecem na posição central e outras, que não são de grande conhecimento nacionalmente ou internacionalmente, se posicionam na margem. Em outras palavras, na periferia. Na segunda, ao ser traduzida e levada a uma posição central, a obra apresenta novos discursos que se relacionam com os discursos antigos contidos nas obras que antes ocupavam a posição central. Em suma, todas as vozes apresentadas nas obras e os gêneros literários são aglomerados, formando uma rede de sistemas, ou seja, o polissistema.

Neste âmbito, trazem-se à baila os estudos de Mona Baker (1992), a qual, em sua obra *In other words: a coursebook on translation*, enfatiza que o trabalho do tradutor, como leitor, é estudar tanto a cultura de partida quanto de chegada para que não cometa equívocos durante o processo tradutório, pois uma palavra na LC pode, ou não expressar algo diferente na cultura de chegada.

A autora (1992, p.21-6) traz, então, onze tópicos a serem considerados no momento de se promover a leitura de um texto para fins de tradução:

(I) conceitos específicos culturais: podem incluir um costume social, uma crença religiosa ou um tipo de comida;

(II) o conceito da LP não é lexicalizado na LC: a palavra pode não ter um referencial na LC, mas pode-se entender o seu significado;

(III) a palavra na LP é semanticamente complexa: isso pode ser um problema grande na tradução, um exemplo é a palavra em português *arruação* que é a limpeza feita antes da colheita de café para evitar que os grãos se misturem com sujeira ou outros vegetais. Uma palavra tão complexa como esta pode tornar-se um grande problema na cultura-meta;

(IV) a LP e a LC apresentam significados diferentes;

(V) a LC carece de palavras coletivas;

(VI) a LC carece de um termo específico: na língua inglesa por exemplo, podemos encontrar diversos tipos de casas como: *cottage*, *croft*, *chalet*, *hall*, *mansion*, o que dificulta encontrar um termo parecido no momento da tradução;

(VII) **diferenças na perspectiva física ou interpessoal: as perspectivas físicas** podem ser mais importantes em uma língua que em outra;

(VIII) diferenças no significado: o tradutor pode encontrar palavras na LP que expressam um significado diferente na LC, neste caso o tradutor deve modificar a palavra ou então recompensar o significado em um outro local do texto. É de extrema dificuldade usar o termo em um contexto neutro sem infringir os leitores e sugerir forte desaprovação;

(IX) diferenças na forma: a maioria das línguas contém afixos e sufixos e estes podem ser usados de maneira que auxiliam em rimas ou na musicalidade de um texto, mas na LC o correspondente pode ser diferente e atrapalhar nesta contribuição para criar esta consonância;

(X) diferenças na frequência e propósito de usar termos específicos: mesmo quando uma forma em específico se encontra na LC, há diferenças na frequência em que se usa e no seu propósito;

(XI) e o uso de palavras que foram emprestadas que estão contidas no TF: tais palavras foram emprestadas de uma língua para a outra no momento de construção da própria língua por vários motivos;

---

*norms, behaviors, and policies—in short, in their use of the literary repertoire—which results from their relations with the other home co-systems.*

Com as concepções acima em mente, fica claro que a prioridade é resgatar a mensagem e, para isso, o tradutor deve atentar para que não caia em armadilhas. Ao se deparar com uma frase em contexto, o tradutor, na perspectiva dos estudos de Baker, foca na mensagem que ela passa, mas só é capaz de entender se: (I) for um bom leitor; (II) tiver a percepção da obra como um todo; e (III) o leitor tiver uma leitura sintópica, ou seja, sair da definição proposta pelo dicionário e analisar o texto nos seus níveis linguísticos e culturais, comparando-os com outros textos e com outros elementos de culturas externos à produção daquela obra.

A leitura sintópica implica a leitura de muitos livros, ordenando-os mutuamente em relação a um assunto sobre o qual todos versem. Mas comparar não é o bastante. A leitura sintópica é mais sofisticada do que a mera comparação. Com os livros em mãos, o leitor sintópico estará apto a desenvolver uma análise que talvez não esteja em nenhum dos livros. Está claro, portanto, que **a leitura sintópica é a mais ativa e trabalhosa de todas** (ADLER e VAN DOREN, 2010, p. 40, realce nosso).

Como salientado acima, a leitura sintópica é a mais ativa e trabalhosa de todas, em outras palavras, leva-se tempo para que um leitor chegue neste estágio. É preciso ser um bom praticante do ato da leitura, identificar a bibliografia de um determinado livro e ler de maneira analítica para que possa ser capaz de fazer comparações e críticas entre os livros. O tradutor, por sua vez, pode chegar neste nível e ter um texto muito bem traduzido se o mesmo conhecer o universo pelo qual ele está trabalhando.

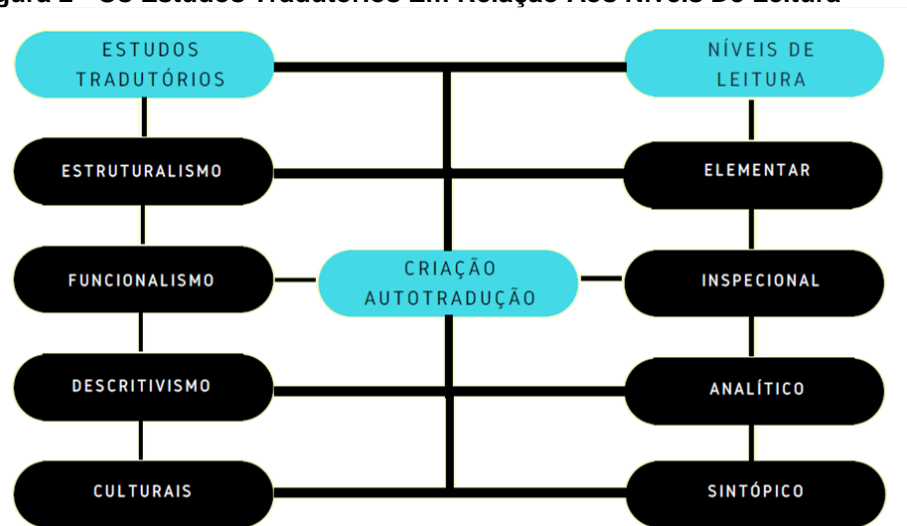
Concluindo, dentro da sobreposição de teorias sobre leitura e tradução, é possível dizer que, de acordo com as concepções expostas até o momento, o tradutor pode partir de uma leitura elementar que considera os níveis estruturais do TF e de sua linguagem, obedecendo parâmetros gramaticais e as normas dos idiomas envolvidos a fim de que, em uma primeira instância, não haja mal-entendidos.

No entanto, convém aprofundar os níveis de interpretação, por meio da leitura inspecional e dos estudos funcionalistas, promovendo a investigação do escopo, ou seja, da obra, das notas, da capa e da contracapa, entre outros. Ainda é importante ao tradutor investigar o TM e identificar se não há lacunas a serem preenchidas para que seja aceito no sistema literário do país de chegada, respeitando tanto a cultura de partida quanto a de chegada.

Além de tudo, é preciso ter um amplo conhecimento em ambas as culturas e isso inclui ler suas obras, identificar suas ideologias, o movimento literário no qual o texto se encontra e adaptar-se ao contexto histórico da cultura alvo no momento em que a obra foi criada, ou seja, ter em mente que para que possa realizar a atividade tradutória é importante ser um leitor de nível sintópico e sair do modelo tradicional proposto pelos dicionários em que há apenas uma definição singular para cada vocábulo.

Para ilustrar melhor essa proposta, apresenta-se o organograma da criação literária, com a relação entre os níveis de leitura e as conceituações sobre a prática tradutória:

**Figura 2 - Os Estudos Tradutórios Em Relação Aos Níveis De Leitura**



**Fonte: Elaborado pelos autores (2018)**

Ainda, pode-se perceber que tanto a criação textual quanto a autotradução estão no centro de modo que todos os níveis de leitura e estudos tradutórios estão ligados a elas. Assim, pressupõe-se que, para ser um criador, é preciso antes, passar por todos os níveis de leitura. Dessa forma, o escritor/criador terá conhecimento das estratégias necessárias para produzir um texto coeso e coerente que possa dialogar com seu leitor. Da mesma maneira, nota-se que um tradutor precisa ter conhecimento dos estudos tradutórios e os usar para produzir seu novo texto. Um novo estudo tradutório não exclui o outro, assim como um nível de leitura também não exclui os demais. Todos estão conectados uns aos outros para que formem apenas um sistema. Um bom tradutor é antes um bom leitor. Abaixo, algumas características ligadas tanto aos níveis de leitura, quanto aos estudos tradutórios:

**Figura 3 - Níveis de leitura e sua relação com os estudos tradutórios**

<b>LÍNHA DE ESTUDO</b>	<b>PALAVRAS-CHAVE</b>
<b>LEITURA ELEMENTAR = ESTUDOS ESTRUTURALISTAS</b>	DECODIFICAÇÃO E RECODIFICAÇÃO DE PALAVRAS; CONCENTRAÇÃO NA LINGUAGEM EMPREGADA PELO AUTOR; SIGNIFICADO X SIGNIFICANTE; EQUIVALÊNCIA; CORRESPONDÊNCIA.
<b>LEITURA INSPECIONAL = ESTUDOS FUNCIONALISTAS</b>	ESTRUTURA DO LIVRO; GÊNEROS; ESCOPO; LEITURA E INTERPRETAÇÃO DAS IMAGENS.
<b>LEITURA ANALÍTICA = ESTUDOS DESCRITIVOS</b>	COMPLEXA; SISTEMÁTICA; IMISCUÍ-SE; MASTIGAR E DIGERIR; TODO ELEMENTO É UM SISTEMA; TEXTO + SOCIO-HISTÓRICO-CULTURAL = CICLO DE SISTEMAS = POLISSISTEMA
<b>LEITURA SINTÓPICA = ESTUDOS CULTURAIS</b>	LER, COMPARAR E FAZER RELAÇÕES ENTRE O LIVRO COM OUTROS EXISTENTES; EXPLORAR CATEGORIAS E ELEMENTOS EM UM TEXTO EM NÍVEIS (CULTURAIS, LINGÜÍSTICO, SEMÂNTICO)

**Fonte: Elaborada pelos autores (2018)**

Suponha-se aqui que o tradutor seguiu todos os seus deveres à risca e traduziu um texto em outra língua; se houve modificação em sua estrutura, por conta de a literatura ainda ser “fraca”, assim como descreve Evan-Zohar (2012), pode-se afirmar que o texto meta (TM) é um novo texto? E quando o tradutor não tem o autor original para lhe perguntar o que há nas entrelinhas do texto? E a respeito de textos autotraduzidos, como é o processo? Será que ele reconhece o seu texto como um elemento dos polissistema? O tradutor que se autotraduz



tem liberdade para modificar seu texto para que possa adaptar-se à cultura meta? Se o tradutor é um bom leitor e também criador, pode-se afirmar que o autotradutor, ao invés de traduzir, recria um texto? Para responder estas e outras perguntas é preciso adentrar os estudos da autotradução?

### **A Autotradução No Universo Tradutório**

Existem poucas pesquisas no Brasil a respeito do significado de autotradução, a maioria parte oriunda do que foi descoberto em prática. Contudo, são diversos os estudos em língua inglesa de modo que é possível verificar que no *Dictionary of Translation Studies* de Shuttleworth e Cowie (1997) autotradução é:

Definido por Popovič como a tradução de uma obra original para outro idioma pelo próprio autor. Entretanto, enquanto Popovič argumenta que a autotradução não pode ser considerada uma variante do texto original, mas uma tradução verdadeira, Koller diferencia autotradução e tradução verdadeira dizendo que a questão da fidelidade é diferente no caso da autotradução, pois o autor-tradutor se sentirá fiel ao fazer mudanças no texto no qual um tradutor comum pode hesitar em fazer<sup>6</sup>) (POPOVIČ, 1976; KOLLER, 1979, 1992 *apud* SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997, p. 13, tradução nossa).

A respeito dessas argumentações, Popovič alega que autotradução não pode ser um texto diferente do TF, visto que, se quem traduz é o dono do texto, não há possibilidades de haver divergência na nova produção. Já Koller expõe que no caso da autotradução o autor-tradutor poderá fazer modificações que se encaixarão melhor na LC.

Já na visão de Tanqueiro (2002), a autotradução sempre existiu ao longo da história, mas não é bem reconhecida pelas teorias tradutológicas. Presume-se que a atividade iniciou-se por volta do século I, quando Flavius Josephus narrou a destruição de Jerusalém em dois idiomas, ademais, a autotradução esteve muito presente na Idade Média, período em que escritores se autotraduziam, pois faziam parte de uma sociedade bilíngue.

A maior parte dos países onde se regista maior número de autotraduções é sobretudo em países onde duas (ou mais) línguas convivem por razões históricas, onde os falantes se formam num ambiente bilíngue. Conhecemos exemplos em certos países africanos que foram colonizados e em muitos outros países europeus, entre os quais se encontra Espanha, país com diferentes línguas onde as pessoas em geral se movem constantemente entre duas línguas (TANQUEIRO, 2002, p. 39).

Por fazerem parte de uma cultura historicamente bilíngue, diversos escritores, dominavam seus idiomas maternos, criando obras simultaneamente em duas línguas. Grutman, na nova edição da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2001) sugere que:

Escritores bilíngues engajados nesse processo estão lidando com mais do que sistemas linguísticos abstratos; muitas vezes eles estão tentando conciliar duas tradições, e é precisamente por isso que elas oferecem uma fonte tão satisfatória para a descoberta de normas literárias.<sup>7</sup> (GRUTMAN, 2001, p. 18)

Dessa forma, percebe-se que na tentativa de conciliar duas tradições diferentes, aos autores buscam compensar a mais periférica (EVAN-ZOHAR, 2012) ou então usar elementos de ambas para levar o TM a um novo

---

<sup>6</sup> Defined by Popovič as “the translation of an original work into another language by the author himself” ([1976]:19). However, while Popovič argues that the autotranslation “cannot be regarded as a variant of the original text but as a true translation” ([1976]:19), Koller distinguishes between autotranslation and “true” translation by saying that the issue of faithfulness is different in the case of autotranslation, as the authortranslator will feel justified in introducing changes into the text (1979/1992:197) where an “ordinary” translator might hesitate to do so.

<sup>7</sup> Bilingual writers engaged in this process are dealing with more than abstract linguistic systems; often they are trying to juggle two traditions, which is precisely why they offer such a felicitous source for the discovery of literary norms.

grau literário. No entanto, estes textos convertidos em outra língua devem seguir regras pré-estabelecidas por outros autores-teóricos. Antes de traduzir ou autotraduzir, como visto até o momento, é preciso compreender a Teoria da Tradução, e isso inclui limites e lealdade (NORD, 2006) que um tradutor deve ter ao mudar um texto de um idioma para o outro.

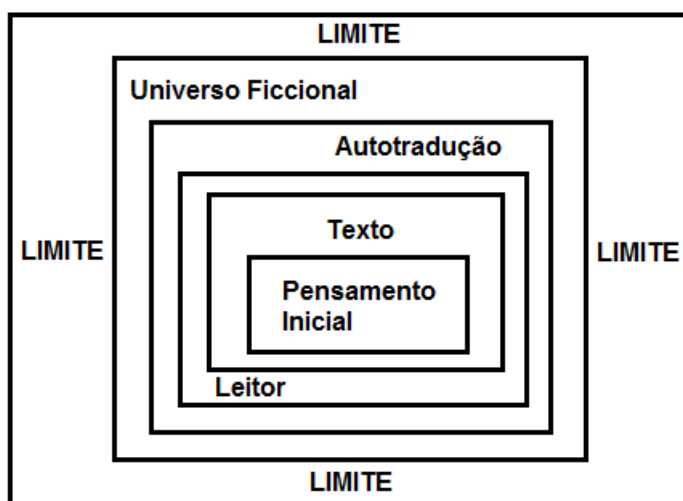
Após a leitura total da obra o autor/tradutor pode ter uma percepção maior dos pontos os quais ele precisará resgatar no texto em LC. Quando o texto é de sua autoria, este processo torna-se mais fácil, pois como foi ele que escreveu, não serão necessárias diversas leituras do mesmo texto. Por fim, é necessário se conscientizar a respeito da cultura alvo. Algumas mudanças deverão ser feitas (ou não), para que o texto possa fluir no texto da língua de chegada, assim como apresenta Mona Baker:

Temos que tentar, tanto quanto possível, transmitir o significado das palavras-chave que são focadas na compreensão e desenvolvimento de um texto, mas não podemos e não devemos distrair o leitor olhando cada palavra isoladamente e tentando apresentá-lo com uma descrição linguística completa do seu significado.<sup>8</sup> (BAKER, 1992, p. 26)

As mudanças são inevitáveis e embora o texto esteja adaptado para servir à cultura-alvo e se adaptar em seu respectivo sistema, não se pode, assim como menciona Baker, deixar o leitor confuso com novos itens adaptados da cultura-fonte para que a mensagem seja exposta.

Se seguir o pensamento do autor, a autotradução se entrecruza com a recriação. A medida em que o autor cria, ele tem um pensamento. Com tempo, seu pensamento muda e ele poderá usar suas novas ideologias para fazer uma tradução de seu próprio texto, ainda seguindo o mesmo sentido. O texto autotraduzido é comparado a um palimpsesto<sup>9</sup>, pois ao criar um texto o autor poderá observar que nas próximas páginas ele encontrará marcas do próprio texto e estas servirão de base para recriar, em outra língua, em outras palavras, um texto que ainda terá marcas do original. Assim como os palimpsestos, o leitor sintópico também é feito de diversas camadas, pois cada texto ou referência externa absorvida por ele associa-se e torna-o um ser com diversos sistemas.

**Figura 4 - Limite da autotradução**



**Fonte: Elaborado pelos autores**

<sup>8</sup> *We have to try, as much as possible, to convey the meaning of keywords which are focal to understanding and development of a text, but we cannot and should not distract the reader by looking at every word in isolation and attempting to present him/her with a full linguistic account of its meaning.*

<sup>9</sup> Palimpsesto: antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes, mediante raspagem do texto anterior. Extraído do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986, p. 1326).

Embora seu pensamento possa seguir diferentes direções, há um limite que o autotradutor deve respeitar. Este limite não se relaciona com as aproximações e distanciamentos do TF, mas sim com a lealdade do autor a si mesmo. O (auto) tradutor deve ser leal ao contexto e ao público-alvo, mesmo que seja de sua autoria.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### ***O Conto Inácio***

Trata-se de uma história de investigação policial cujo enredo desenvolve-se cronologicamente em uma semana durante a qual o detetive Fidere interroga alguns dos principais suspeitos de assassinato, a saber: Renato Lemes, irmão da vítima, Inácio, marido, Regina, vizinha, entre outros, a fim de encontrar o provável culpado, o que desencadeia os principais fatos da narrativa.

#### ***Arquitetura do texto***

Os contos policiais geralmente apresentam um assassinato como mote<sup>10</sup>, de forma que um detetive seja convidado a averiguar a situação e tomar laudo do que pode ou não ter ocorrido. Após juntar suas suspeitas, partindo dos argumentos feitos pelos investigados, o agente segue em busca de montar um quebra-cabeças, enquanto outros assassinatos em série, incluindo possíveis suspeitas, começam a acontecer.

Por se tratar de um conto, ou seja, uma narrativa de curta duração, seu início está próximo ao epílogo de modo que possa cativar o leitor desde o início da leitura.

O conto, ao começar, já está próximo do epílogo, de forma que apenas conhecemos os momentos anteriores ao clímax dramático. Tudo o mais é relegado a segundo plano. Com isso a *precipitação* domina o conto desde a primeira linha; a trama se organiza segundo um andamento semelhante ao ritmo com que as coisas acontecem na vida, e os pormenores vão-se acumulando numa ordem “lógica” de fácil percepção (MOISÉS, 1975, p. 133).

Sendo assim, uma narrativa breve em que se descrevem acontecimentos reais, usando seres reais envolve o leitor durante a leitura. Embora a introdução esteja escrita com vários artifícios que possam prender o leitor, há ainda as figuras de linguagem, estas são técnicas discursivas indispensáveis para a comunicação, afinal, é necessário persuadir quem está lendo (CITELLI, 2004).

#### ***Auto(r) Tradutor***

Na tradução, a princípio, o tradutor que tem uma bagagem bibliográfica será capaz de fazer uma leitura aprofundada do texto e o traduzir com maior propriedade, criando uma nova narrativa. Com base nisso, pode-se tirar três conclusões:

- (i) Para ser um bom criador é necessário ser um bom leitor, pois isto criará uma obra a partir dos seus conhecimentos e de um determinado gênero textual, ou seja, de uma bagagem literária;
- (ii) Todo tradutor é um leitor que se embasa nos quatros níveis de leituras, como afirma Bezerra (2012, p. 47):

---

<sup>10</sup> Tema, assunto. Extraído do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986, p. 1164).

Porque o tradutor sempre é **levado a escarafunchar os desvãos de sua língua, sua riqueza vocabular, seu manancial de ditos e provérbios, suas formas de linguagem gestual**, enfim, seus múltiplos recursos semânticos e morfossintáticos na tentativa de resolver problemas similares que o original lhe impõe (realce nosso).

O processo de reconhecer profundamente os elementos que compõem uma língua envolve ciência e história; sendo assim, nomeia-se aqui como *arqueologia-linguística*, pois o tradutor necessita trabalhar de forma minuciosa com seu objeto de pesquisa.

Dessa forma, o tradutor é considerado um leitor: elementar (decodifica e recodifica palavras, significado x significante); inspecional (identifica o escopo, lê e identifica as imagens); analítico (imiscui, mastiga e digere); e sintópico (lê, compara, faz relações entre o texto e outros existentes).

(iii) Todo tradutor que domina os quatro níveis de leitura e é capaz de organizar o texto de forma que a cultura-alvo o englobe, é, portanto, um criador:

[O tradutor] **transforma-a em uma obra segunda, mas de valor equivalente**, cuja realização exigiu um grau de criatividade diferente daquele empregado pela primeira instância criadora, mas, por certo, não inferior como criatividade (BEZERRA, 2012, p. 47).

Assim sendo, se o TM é um segundo texto, isto faz dele uma nova criação; no entanto, contendo marcas de original, como um palimpsesto.

Além disso, Bezerra (2012) pauta-se na ideia de que o tradutor é aquele que estuda o original, a sua cultura, as peculiaridades da língua em que está trabalhando, as suas vozes, tanto o que há por traz do idioma, quanto das personagens envolvidas da narrativa. Em suma, ao decodificar suas palavras, identificar o escopo do livro, digeri-lo e compará-lo com seu conhecimento prévio, o tradutor está pronto para decodificá-lo e recodificá-lo. O teórico ainda traz que:

traduzir uma obra não é repeti-la em outra língua, mas criar uma dessemelhança do semelhante na qual a obra é a mesma sendo diferente e vice-versa, **recriando o conjunto de valores que sedimentaram o original na forma mais adequada ao melhor padrão estético possível da literatura da língua de chegada, plasmado no discurso empregado pelo tradutor** (BEZERRA, 2012, p. 51-2).

O resultado da criação de valores pertencentes à outra cultura dependerá do tradutor-criador que deverá criar uma nova obra dentro de um universo diferente. Além de que, o tradutor, agora criador, usa a semente de uma árvore pertencente a outra cultura e planta em um solo diferente do original. Para que esse vegetal lenhoso cresça e dê frutos no futuro é preciso, previamente, preparar seu solo, bem como regá-lo para que cresça um arbusto do mesmo reino, porém com propriedades e características de outro. Essa comparação pode ser conectada aos estudos de Tanqueiro (2002) a respeito das competências bilíngues e biculturais, nas quais explica-se que, se o tradutor/criador for bilíngue e tiver um amplo conhecimento linguístico e cultural de ambas as línguas, ele poderá autotraduzir-se.

Não apenas o ato da autotradução, mas também o direcionamento deste texto pode ser mudado pelo autotradutor, pois ao inserir um TM na cultura-alvo, esta composição ficará presa na margem, ou seja, assim como menciona Evan-Zohar (2012), a obra será marginal aos olhos de seus novos leitores. Somente o tradutor-criador será capaz de tirá-la da periferia e trazê-la para o centro, pois uma vez que ele tenha conhecimento cultural e linguístico de ambas as línguas as quais está trabalhando, o texto poderá ser compreendido pelos novos leitores.

## Níveis de Leitura, Estudos Tradutórios e ressignificações dos elementos da culturalidade brasileira

É nessa prerrogativa de conhecimento cultural e linguístico que apresentamos níveis de leitura e os estudos tradutórios, bem como o exemplo de sua relação na tradução do conto *Inácio*. Para tanto, convém retornar à **Figura 3 - Níveis de leitura e sua relação com os estudos tradutórios**, a qual apresenta as interações que estabelecemos entre as teorizações. Dividimos nossa análise em quatro momentos:

### Nível elementar x estudos estruturalistas

Como exposto anteriormente, o primeiro nível de leitura tem relação com os estudos estruturalistas, e, como resultado da junção das duas teorias, tem-se as seguintes definições: decodificação e recodificação de palavras; concentração na linguagem empregada pelo autor; significado x significante; equivalência; correspondência. Assim, apresenta-se, a seguir, alguns trechos da autotradução que podem ser verificados sob as premissas de tais teorias:

Algumas quadras longe das docas, rua Poloni, uma pequena hesitação vinha da casa dos Tavares.	A few blocks away from the docks, on <i>Poloni</i> street, a slight hesitation came from Tavares' house.
---	--

Acima, uma passagem referente ao primeiro capítulo do conto *Inácio*. Ao traduzi-la na direção português → inglês, o autor-pesquisador optou pelo nível estrutural da frase, mantendo linearidade e concentração na linguagem, empregadas por ele mesmo no ato da criação.

Nesta passagem, a ordem sintática foi mantida, prevalecendo, assim, a proximidade estrutural. Nesse sentido, seguimos, aqui o que Jakobson (2008) nomeia como tradução interlingual, ou seja, o tradutor recebe a mensagem original, decodifica e, por fim, recodifica a mensagem na LC, procurando manter a mesma estrutura.

### Nível inspecional x estudos funcionalistas

Já o segundo nível de leitura, o inspecional, aquele que se divide em pré-leitura e leitura superficial, como já apresentamos, pode-se entrelaçar aos estudos tradutórios funcionalistas, uma vez que ambos visam a leitura prévia do texto para que possa identificar seu gênero, uma breve interpretação das imagens, ou seja, seu escopo. Na passagem abaixo exemplifica-se melhor:

Em meio àquela situação catastrófica, poltronas e estantes quebradas espalhadas pelo chão, <b>seu</b> batimento cardíaco passava de 150bpm, a pressão arterial a 16 por 11. A ansiedade falava pelo <b>seu</b> corpo, calafrios, mãos formigando, suor escorrendo, não havia outra saída para o terrível fato que tinha ocorrido.	On that catastrophic situation. Armchairs and broken stand scattered across the floor. Heartbeat over 150bpm. Blood pressure 16 by 11. Pore exhaled anxiety. Shivers. Tingling hands. Sweat dropping. No other way out.
---	---

Uma vez que o autor-pesquisador deste projeto é o autotradutor, ele, como primeiro receptor de sua obra, identificou que, por se tratar de um conto de investigação policial, qualquer meio que pudesse apontar o principal suspeito de ter cometido o ato, poderia entregar a verdade e comprometer o elemento surpresa. Sendo assim, algumas quebras foram feitas no TM; um exemplo é o pronome possessivo na terceira pessoa “seu”, que, no TP não entrega quem cometeu o crime, ou seja, se foi homicídio ou suicídio, enquanto no TC o uso de um possessivo tornaria o texto direcionado, uma vez que na LC os pronomes demarcam claramente o sujeito: *his* e *her*.

O Prof. Dr. Hygino Aliandro, em sua obra *Your English Troubles Solved*, traz o uso do pronome possessivo (*possessive pronoun*) na língua inglesa:

Um pronome é uma palavra usada no lugar de um substantivo ou equivalente. [...] Ele, dele são usados para homens; ela, dela, para mulheres; ele, ela, dele e dela, para coisas, e como sujeito impessoal [...] o pronome possessivo fica no lugar do substantivo e indica posse; o adjetivo possessivo qualifica o substantivo. A forma do adjetivo ou pronome possessivo muda de acordo com o **gênero** do possuidor, e não, como ocorre em outras línguas (português, francês) de acordo com a coisa possuída (ALIANDRO, s/d p. 76)<sup>11</sup>

### Nível analítico x estudos descritivos

Adler e Van Doren (2010) comparam o livro com uma casa que possui diversos cômodos autônomos que são capazes de se conectarem através das portas. Essa comparação é feita apenas para apresentar o nível de leitura analítico, o qual o leitor necessita conhecer o alicerce em que o livro foi construído, bem como quais as ferramentas usadas em sua edificação.

Este nível de leitura tem relação com os Estudos Descritivos, uma vez que esses observam detalhadamente a produção textual, sendo possível identificar o sistema a qual ele pertence. Em razão disso, se a obra trabalhada carece de algum elemento, este pode ser retomado na cultura de chegada, ou vice-versa, como acontece no planejamento de uma casa, uma vez que as bases aparentam fracas, ainda pode-se construir colunas para que ela possa se manter. Um exemplo na prática é:

[...] No entanto, ele é o contrário daquele projeto de bruxa. Deu no que deu, passou tanto tempo ao lado dos peixes que nem percebeu que criava uma Piranha em casa.

[...] **However, he is very different from The Witch Under Construction of his wife, the rest is history. He spent so much time surrounded by fishes, but he didn't realize he was feeding a *piranha* at home.**

No exemplo anterior o autotradutor manteve o elemento cultural: *piranha*. Piranha, é aquela mulher que leva vida licenciosa e que busca se alimentar de carne masculina. Essa preservação de vocabulário ocorre quando há um choque entre duas culturas e o tradutor opta por levar parte da sua para a LC, ou então quando nota que a outra carece de elementos específicos como os citados.

Analisando a obra original, percebe-se que a *piranha* participa ativamente para manter o sistema literário do conto na posição central de sua cultura. Uma vez feita a tradução, a criação deixa o centro e se instala na periferia da nova cultura. Todavia, o ingresso de novos vocabulários na cultura-alvo pode despertar novos movimentos e pensamentos que, futuramente, podem contribuir na construção de um novo sistema (cf. EVAN-ZOHAR, 2012).

### Nível sintópico x estudos culturais

Quanto ao último nível de leitura, o sintópico, é comparado aos estudos culturais, pois ao conhecer ambas as culturas que está trabalhando, o autotradutor pode explorar os níveis linguísticos e semânticos contidos no texto, bem como fazer o uso de seu arcabouço teórico. Algumas passagens do conto traduzido podem exemplificar o que foi exposto até aqui:

<sup>11</sup> A pronoun is a word used instead of a noun or a noun equivalent [...] *He, him, his* are used for males; *she, her, hers* for females; *it* for things and as the impersonal subject [...] the possessive pronoun stands instead of the noun and denotes possession; the possessive adjective qualifies the noun. The form of the possessive adjective or pronoun changes according to the gender of the possessor, and not, as in some other languages (e.g. Portuguese, French), according to the thing possessed.

<b>Andava</b> de vestido curto pelo bairro, acredito eu, que <b>ela fez sexo com todos os homens da rua</b> . Coitado do Inácio.	<b>She ambled on those streets wearing a dress which flatters her booty. I think she slept with the entire neighbourhood. Poor Inácio.</b>
--	--

O “andava”, foi traduzido como **ambled**<sup>12</sup>. De acordo com o dicionário *Longman* (2002) o verbo condiz aquilo que anda em uma velocidade sem pressa e/ou o animal, no caso, o cavalo, que move duas patas de cada vez, ou seja, trotando ou galopando. Ao declarar que a personagem caminhava como um animal, o autotradutor enfatiza o adjetivo anterior, *slut*.

Concluindo o que foi exposto acima pode-se notar que o autotradutor levou seu próprio texto para uma outra cultura fazendo adaptações necessárias para que o público-alvo pudesse compreender. Além disso, ele optou por manter alguns elementos da culturalidade brasileira para que, futuramente, eles possam adentrar no vocabulário de outro sistema linguístico agindo como uma implementação de conhecimentos que poderão fazer parte dos novos movimentos literários. Essas ressignificações são aceitas, assim como foi proposto por Martins (2012), visto que, o que ficou ausente em algum momento do texto pode ser resgatado em outros momentos.

Assim, percebe-se que ao escolher ser o seu próprio tradutor, o autor, antes de tudo, é um bom leitor que consumiu muitos elementos da árvore linguística. Outrossim, ele domina o gênero textual que está trabalhando e é capaz de adapta-lo no sistema da língua de chegada, posto que, uma vez que tem conhecimento de ambas as culturas trabalhadas poderá fazer as alterações necessárias para que seja possível esta transição de sistemas.

### **Ressignificações de acordo com as particularidades da numerologia em *Inácio***

Para traçar um paralelismo entre o texto original e o traduzido, atentaremos nos estudos da numerologia de acordo com as particularidades apresentadas na obra de Dodge (1995).

#### **Número 1: impaciência e imediatismo**

O número um traz consigo a impaciência e imediatismo, ou seja, presume-se aqui que o capítulo seguirá a ordem do “não pensar”, tudo aquilo que se faz na busca do agora. Um exemplo dessa passagem no texto é no primeiro capítulo:

Sacou a arma. Era uma 32 milímetros. Encostou-a firmemente no osso temporal para que a morte fosse precisa, segurou com as duas mãos, pois o corpo tremulava constantemente. Fechou os olhos e logo seguiram lágrimas de arrependimento. Respirou fundo, e o tiro desencatilhou.	Pull a gun out. A Rossi 32. Firmly on temporal bone. Precise death. Both hands on. Eyes closed. Blue tears Deep breath. Shot down.
--	--

Na passagem acima, para que pudesse trazer o imediatismo e a impaciência, o autotradutor abdicou do sujeito da frase para manter o elemento surpresa, e resgatou as características do número adjetivando as sentenças.

<sup>12</sup> **Amble** v 1 to walk at na easy unhurried rate 2 (of a horse) to move at an easy unhurried rate by lifting the two legs on one side and then the two on the other – compare CANTER, GALLOP, TROT. **Extraído de *Longman. Dictionary of English Language and Culture* (SUMMERS; STOCK, 2002, p. 34).**

## Número 2: emoção, modéstia, insensibilidade e covardia

No segundo capítulo do conto apresenta-se o primeiro suspeito do crime. Neste o criador fez o uso da: emoção, modéstia, insensibilidade e covardia:

— <b>Conto da carochinha!</b>	— That's a tale, my <b>fairy!</b>
— Tá bom, <b>fofa</b> . Que seja. Você dormirá em uma cela hoje. Amanhã até a hora do almoço será liberado. — Não pode fazer isso com minha pessoa! — Já estou fazendo, <b>flor</b> .	— Right, <b>fag</b> . Whatever. You're gonna sleep in jail tonight. Tomorrow until lunchtime you'll be released. OK lady? — You can't do that! — Yes, I can, yo <b>pussy</b> .

Em uma conversa com o Renato, o detetive age de maneira insensível e covarde para coagir seu suspeito. Nos exemplos acima, o autotradutor optou por transparecer esse sentimento em três maneiras.

No primeiro, trocou o marcador “conto da carochinha”<sup>13</sup> por “isso é um conto, minha fada!” (tradução livre). Nesta modalidade, o autotradutor substituiu a expressão que representa *contos de fada* por uma afirmação e usa “fada” como um modo de tratamento. No segundo, “fofa” é traduzido como “*fag*”<sup>14</sup>, expressão essa usada para titulação de homossexuais e, por optimo, flor por *pussy*<sup>15</sup>.

Como já exposto no capítulo anterior, a respeito da construção das personagens, Fidere, além de estar este campo empresarial por influencias familiares, ainda é um jovem-adulto que não está preparado para lidar com pessoas, sendo assim, ele age de forma covarde e insensível, pois acredita que ele é a autoridade maior em quaisquer situações. Essa figura foi construída com maior entonação na língua de chegada e estão mais presentes nas falas.

## Número 3: imaginação, sociabilidade, extravagância, superficialidade e intriga

Seguindo a narrativa, com detetive ainda em busca do culpado pelo crime, o terceiro capítulo se apoia em características como sociabilidade, superficialidade, intriga, imaginação e extravagância:

— Obrigado pela informação, acredito que serão bem úteis. Tenha um excelente dia.	— Thanks for the information, I hope all of this information be helpful. Have a great day.
— Eu que agradeço, sargento. Quando precisar, <b>toque minha campainha</b> .	— My pleasure, sergeant. Whenever you need me, <b>ring my bell</b> .

Os trechos acima são de uma conversa entre Fidere e Regina, a personagem de temperamento forte como apresentado no capítulo anterior. As falas da suspeita trazem marcas de um vocabulário vulgar e superficial, um exemplo é “toque minha campainha”. De acordo com o *Dicionário Informal* (2018) a expressão significa: Fazer sexo oral em uma mulher.

Partindo da premissa de que a expressão tem o mesmo significado na língua de chegada, o autotradutor seguiu a tradução livre: *ring my bell*. Assim como exposto pelo dicionário online *slang dictionary*, a expressão

<sup>13</sup> **Conto da carochinha** 1. Conto popular para crianças; conto. 2.v mentira. 3. Invenção, petate, puerilidade. Extraído do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986, p. 464).

<sup>14</sup> **Faggot** 1. Slang for homosexual. Extraído de *Longman dictionary of English language and culture* (SUMMERS; STOCK, 2002, p. 461).

<sup>15</sup> **Pussy** 2 n taboo slang. The female sex organs. Extraído de *Longman dictionary of English language and culture* (SUMMERS; STOCK, 2002, p. 1087).



significa: “To *climax* a woman, make her *come*; give a woman *pleasure*.” Ou seja, a metáfora pode representar tanto o ato de apertar o dispositivo eletrônico localizado nas portas de casas, quanto levar uma mulher ao prazer tocando o clitóris dela.

#### Número 4: praticidade, organização e cautela

Na sequência, o capítulo quatro diz respeito às pessoas organizadas e que esquematizam tudo antes de produzir algo. Para resgatar essas características na língua de chegada apresenta-se aqui duas passagens do conto:

— Tenho certeza de que pela graça do divino, o <b>Senhor</b> encontrará este assassino.	— I'm sure <b>by the grace of the God</b> you will find this murderer.
— I'll give you the address. Please, do what you can to solve this case, sergeant. <b>By the grace of God.</b>	— Vou lhe passar o endereço. Por favor, faça o possível para resolver este caso, sargento, <b>por favor.</b>

As falas acima pertencem ao marido da vítima, Inácio. Como posto anteriormente, Inácio é um pescador religioso, que presa pela boa organização e tem cautela quando é necessário se portar diante de outras pessoas. Uma das formas que ele usa para demonstrar isso é a partir de seus discursos, no entanto, uma das partes em que precisou de ressignificação foi na segunda fala: “Tenho certeza de que pela graça do divino, o **Senhor**<sup>16</sup> encontrará este assassino.” O substantivo em destaque foi dicionarizado com alguns significados, dois deles foram resgatados no corpo do texto.

Na língua de partida, ao mencionar **Senhor** com letra maiúscula percebe-se que a personagem está pondo as responsabilidades em mãos de Deus, no entanto, se levar em conta a oralidade, a metáfora passa despercebida e quem está com as responsabilidades em mãos é o detetive.

Na língua de chegada não há um termo que substitua esse vocábulo, pois o modo de tratamento à figura masculina é diferente do substantivo que se refere ao divino. Nesse caso, o autotradutor optou por deixar a imagem sagrada mais latente em outras partes do texto como substituir o “por favor” por “*by the grace of God*”, como exposto no trecho acima.

#### Número 5: versatilidade, aventura, irresponsabilidade e infidelidade

No quinto capítulo é possível encontrar características de pessoas versáteis, aventureiras, mas também irresponsáveis e desapaixonadas:

— Um grosseirão sexualmente frustrado, <b>deve ter uma miséria no banco, igual a miséria que tem no meio das penas.</b> – Sussurrou Regina.	— The sexually frustrated foolish one. <b>He doesn't worth a sex investment</b> if you know what I mean. – whispered Regina.
— Como a senhora tem a boca suja, né?	— <b>Language!</b>

Na passagem anterior, novamente em uma conversa entre Regina e Fidere é possível identificar elementos da culturalidade brasileira nas falas das personagens. Na primeira, uma das características do quinto

<sup>16</sup> **Senhor:** 9. Tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado aos homens. 10. Deus. Extraído do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986, p. 1569).

número da numerologia. Já na segunda, “boca suja”<sup>17</sup> é ressignificado como “*language*”<sup>18</sup>. Essa expressão, assim como apresenta *Longman dictionary of English language and culture*, é usada para reprender alguém que diz uma palavra de baixo calão. Portanto, a versatilidade do quinto número foi reformulada na cultura-meta.

## Número 6: estabilidade e idealismo

No sexto capítulo, as caracterizas resgatadas são de pessoas, estáveis, idealistas e daquelas preocupadas com o lar.

A mesa já estava pronta, só faltava dar o ponto naquela deliciosa moqueca capixaba que cozinhava na panela de barro.	The table was already set, the only thing missing was to finish cooking that <b>Capixaba Moqueca</b> in the clay pot.
--	---

Este capítulo tem foco na esposa do detective, Victoria Fidere, que busca trazer a cultura estrangeira para sua vida, como a ação de graças, feriado comemorado na América do norte na quarta quinta-feira de novembro. No entanto, a personagem usar uma comida típica brasileira para tal comemoração. Na passagem acima é possível identificar que o autotradutor manteve o nome da refeição uma vez que não há um referente a ela na língua de chegada. De acordo com Merlo (2011):

Moquém era simplesmente o assado envolto em folha e feito sobre a brasa ou sob a brasa; daí vem moqueca... Moquém em língua tupi significa algo como “secador” para tostar a carne. Na técnica tradicional dos índios, o costume era assar a carne ou cozê-la em seu próprio suco (MERLO, 2011, p. 31).

Além disso, o Governo do estado do Espírito Santo publicou que:

Os índios que aqui [estado do Espírito Santo] viviam chamavam de capixaba sua plantação de milho e mandioca. Com isso, a população de Vitória passou a chamar de capixabas os índios que habitavam a região e depois o nome passou a denominar todos os moradores do Espírito Santo (Governo do Estado do Espírito Santo, s.d.).<sup>19</sup>

É por esse motivo, então, que o prato recebeu o nome da região. Como o autotradutor está lidando com elementos da culturalidade brasileira, essa foi sua escolha por manter o vocábulo e leva-lo para a cultura-alvo.

## Número 7: cinismo, meticulosidade e autoridade

O sétimo e penúltimo capítulo do conto é marcado pelas características do sétimo número de acordo com a numerologia. Aos que fazem uso de suas particularidades podem ser identificados como aqueles que empregam o cinismo em seu dia a dia. Abaixo, uma passagem do texto a qual pode-se identificar esse uso:

— <b>Primeiro</b> , Renato não é irmão biológico de Suzanna, sentia muito ciúme de mim com minha mulher, na verdade, ele sempre foi apaixonado por mim, isso faz dele um lunático e tarado. <b>Segundo</b> ponto, ele	— First, Renato is not Suzanna's blood brother. He felt jealous of me with my wife so, in fact, he <b>desires</b> me. He is a depraved and perverted person. Second, he entered in an online course for three months on first-aid and nursing, this
---	---

<sup>17</sup> Boca. **De boca suja**: Dado a usar palavrões; desbocado. “O banqueiro Celestino dissera cada uma de arrepiar, eta português de boca suja” (Jorge Amado, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, p. 327) Extraído do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986, p. 266).

<sup>18</sup> Language: 5. Often euphoria rude or shocking words and phrases, especially **bad language**. Extraído de *Longman dictionary of English language and culture* (SUMMERS; STOCK, 2002, p. 737).

<sup>19</sup> Governo do estado do Espírito Santo. **Povo Capixaba. Origem do termo Capixaba. Disponível em:** <<https://www.es.gov.br/historia/povo-capixaba>> Acesso em 08 out. 2018.

começou um curso online há três meses sobre primeiros socorros e enfermagem, isso explica o modo como as vítimas foram mortas. <b>Terceiro</b> , ele é fascinado por animais peçonhentos como cobras, escorpiões e aranhas, o senhor mencionou sobre sua esposa ter sido envenenada. Ele pode ter usado alguma substância venenosa.	explains how the victims were killed. Third, he is <b>devoted</b> to poisonous animals such as snakes, scorpions, and spiders. You commented about your wife and the possibility of she's been poisoned. Renato manipulated his poisonous substances.
---	---

Na passagem acima é possível identificar o comportamento autoritário de Inácio quando ele se porta para persuadir o detetive com sua fala. Para tanto, ele faz o uso dos números ordinais para enumerar os pontos que necessita ressaltar. Já na segunda, o autotradutor buscou resgatar de forma mais acentuada as técnicas de manipulação na fala da personagem, para isso fez o uso dos verbos em suas formas ativa, pois de acordo com Keller (1994) essa é uma das maneiras a qual se pode persuadir em uma conversa.

Segundo a psicóloga “quando o autor usa verbos ativos, ele/a fornece pistas sobre o que está acontecendo (KELLER, 1994, p. 254, tradução nossa).<sup>20</sup>” Ou seja, ao escolher o emprego na voz ativa pode auxiliar na persuasão. Além disso, é necessário conhecer todo o contexto previamente o ato, como confirma Eugenia (2009, p. 34, tradução nossa) “Manipular significa, antes de tudo, construir uma imagem da realidade que parece ser a realidade<sup>21</sup>” Este foi o processo feito pela personagem quando construiu sua fala. Para que pudesse levar a essência persuasiva da língua de partida para língua de chegada, o autotradutor fez o uso dos dois seguintes verbos: *desire* e *devote*.

O primeiro aparece na passagem “ele sempre foi **apaixonado** por mim”, e a expressão em destaque foi substituída na língua de chegada pelo verbo *Desire*. De acordo com o dicionário *Longman*, uma das definições do verbete é “desejar ter relações sexuais com tradução nossa”<sup>22</sup> Já o segundo é visível na sentença “ele é **fascinado** por animais peçonhentos”, o adjetivo em ênfase foi traduzido pelo verbo *Devote*. O dicionário o define como “entregar-se a algo ou alguém, tradução nossa”<sup>23</sup>

Essas modificações no dialogo da personagem foram necessárias para que pudesse cativar tanto o detetive quanto o leitor. O autotradutor, que é o primeiro receptor do texto, conhece plenamente os fatores intratextuais que compunham seu texto, tais como as pressuposições, o léxico e a estrutura frasal (cf. NORD, 2006).

## Número 8: habilidade e perspicácia

Seguindo para o fim do conto, o oitavo e penúltimo capítulo traz as particularidades do número oito de acordo com a numerologia e este é uma extensão do capítulo anterior, uma vez que também tem como essência a manipulação, além do sarcasmo e da hipocrisia.

— Espere! – Exclamou Inácio – eu não sabia que esse tal Venâncio estava com minha mulher. Pela graça de Deus, isso é adultério. <b>Não se cobiça a mulher dos outros.</b>	— Wait! – stopped Inácio – I didn't know about that. Was this man, Venâncio, with my wife? By the grace of God, this is sexually unfaithful. God says: <b>You shall not covet your neighbour's wife.</b>
---	--

<sup>20</sup> When the author uses active verbs, he/she provides clues about what is happening.

<sup>21</sup> To manipulate means first of all to build an image of reality which seems to be reality.

<sup>22</sup> Desire v 2. To wish to have sexual relations with. Extraído de *Longman. Dictionary of English Language and Culture* (SUMMERS; STOCK, 2002, p. 348).

<sup>23</sup> Devote v to somebody or something. To give completely to. Extraído de *Longman. Dictionary of English Language and Culture* (SUMMERS; STOCK, 2002, p. 352).

Na passagem acima, Inácio discute a respeito do adultério por parte de sua esposa. Para tanto, ele usa uma passagem da bíblia, Êxodo capítulo 20 verso 17, para apontar o ato. Enquanto na língua de partida a personagem descreve superficialmente o trecho, já na língua de chegada é exposto exatamente como se encontra no livro sagrado: não cobiçarás a mulher do teu próximo.<sup>24</sup> A escolha da modificação feita pelo autotradutor foi para resgatar o seu aspecto religioso da construção dessa personagem.

### Número 9: realização e consumação

No último capítulo do conto, as características resgatadas são de realização e consumação.

— Apliquei <b>50mg</b> de <b>Succinil Colin</b> nela. — O que é isso? — É um anestésico que se usa para intubação. Acho que ela tinha o organismo fraco, pois quando eu injetei, ela dormiu em segundos. Tenho certeza de que seus músculos ficaram relaxados por horas.	— I just applied a <b>Succinil Colin 50mg</b> on her — What's that? — It's an anaesthetic people use in intubation. I think she had a weak immune system because when I injected it on her, she just slept in seconds. I'm sure her muscles were relaxed for hours.
--	---

Nesta passagem há um diálogo entre Inácio e Regina. A viúva aponta que aplicou um bloqueador neuromuscular, *Succinil Colin*, em uma das vítimas. De acordo com Amantéa (2003)

A succinilcolina é um miorrelaxante comumente usado na SRI, que produz fasciculações musculares e paralisia neuromuscular. **Para prevenir a fasciculação, que pode ser responsável pelo aumento da pressão intracraniana, utilizar 10% da dose normal** de um relaxante muscular não despolarizante, como o pancurônio (0,01 mg/kg), rocurônio (0,01 mg/kg) ou vecurônio (0,01 mg/kg), administrados 1 a 3 minutos antes da dose parálitica da succinilcolina 7,22 (AMANTÉA, 2003, p. 132, realce nosso).

No realce acima, percebe-se que o autor recomenda a aplicação de apenas 10% da dose normal, no entanto, Regina age diferente, ela aplica 50mg. Na bula do remédio especifica-se que “a dose média necessária para produzir o bloqueio neuromuscular e para facilitar a intubação traqueal é de 0,6 mg de suxametônio por kg de peso administrado por via endovenosa.”<sup>25</sup> Considerando o peso de um adulto percebe-se que a dosagem usada pela personagem é maior, sendo assim, essa contribuiu para a paralisia total.

Concluindo o que foi exposto acima pode-se notar que o autotradutor levou seu próprio texto para uma outra cultura fazendo adaptações necessárias para que o público-alvo pudesse compreender. Além disso, ele optou por manter alguns elementos da culturalidade brasileira para que, futuramente, eles possam adentrar no vocabulário de outro sistema linguístico agindo como uma implementação de conhecimentos que poderão fazer parte dos novos movimentos literários. Essas ressignificações são aceitas, assim como foi proposto por Martins (2012), visto que, o que ficou ausente em algum momento do texto pode ser resgatado em outros momentos.

Assim, percebe-se que ao escolher ser o seu próprio tradutor, o autor, antes de tudo, é um bom leitor que consumiu muitos elementos da árvore linguística. Outrossim, ele domina o gênero textual que está trabalhando e é capaz de adapta-lo no sistema da língua de chegada, posto que, uma vez que tem

<sup>24</sup> Êxodo 20:17: You shall not covet your neighbour's wife. Biblia online. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/ex/20>> Acesso em 09 out. 2018.

<sup>25</sup> Bula do Succinil Colin. União Química Farmacêutica Nacional S/A, s/d. Disponível em: <<https://consultaremedios.com.br/succinil-colin/bula>> Acesso em 10 out. 2018.

conhecimento de ambas as culturas trabalhadas poderá fazer as alterações necessárias para que seja possível esta transição de sistemas

## 5. CONCLUSÃO

Neste trabalho defendeu-se a posição de um autotradutor que também é o autor-pesquisador deste projeto, e sua lealdade consigo mesmo quando levou uma de suas obras para outro sistema linguístico. Para isso, ele precisou fazer algumas modificações quando se deparou com alguns elementos da culturalidade brasileira. Assim como Antunes (2007) propõe que a autotradução é uma atividade de transformação feita pelo próprio autor e neste momento o autor/tradutor tras muda o texto original com o intuito de apresentá-lo aos leitores que foram seu público-leitor primeiro.

Considerando que os textos autotraduzidos necessitam de modificações para se encaixarem no sistema linguístico da LC e o criador é o único quem conhece as ramificações linguísticas que conduziram a elaboração de sua obra, toda autotradução é, portanto, uma nova criação. Ademais, é nítido que, para ser um bom tradutor, é necessário, previamente, ser um bom leitor e dominar as teorias da tradução, uma vez que é imprescindível que o sujeito deixe de conhecer ambas as culturas trabalhadas.

Partindo desse pensamento, ainda pode-se considerar o tradutor um *arqueólogo-linguístico*, pois ele trabalha com duas disciplinas, história e ciências, ao mesmo tempo. Ele, como arqueólogo, traça o perímetro o qual vai trabalhar, faz a prospecção, ou seja, planeja os métodos necessários antes de começar e por fim, faz a escavação, tentando preservar todas as joias linguísticas que encontrar durante esse trabalho minucioso.

Para aqueles que desejam seguir com a pesquisa da área autotradutória, é necessário, preliminarmente, ser: um bom leitor para que possa identificar as mensagens sublinhadas nas obras, ter uma bagagem teórica a respeito da tradução e isso envolve lealdade para com o autor original, e por fim, ser capaz de identificar quais os elementos precisam ser resgatados no decorrer da obra de modo que ambas compartilhem da mesma semelhança. Em outras palavras, ser: leitor  $\leftrightarrow$  criador  $\leftrightarrow$  autotradutor.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Mortimer Jerome; VAN DOREN, Charles. **Como Ler Livros:** o guia clássico para a leitura inteligente. Tradução de Edward H. Wolf e Pedro Sette-Câmara. São Paulo: Editora Realizações, 2010.

ALIANDRO, H. Your English troubles solved. Distribuidora Paulista de jornais, revistas, livros e impressos LTDA. São Paulo, s/d.

ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. **O respeito pelo original:** um estudo da autotradução a partir do caso de João Ubaldo Ribeiro. 2007. 270f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-Rio. Rio de Janeiro.

BAKER, Mona. **In other words:** a coursebook on translation. London: Routledge, 1992.

BEZERRA, Paulo. A tradução como criação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 47-56 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47538>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2004.

EVAN-ZOHAR, Itamar. The position of translated literature within the literary polysystem. In: VENUTI, Lawrence. **The translation studies reader**. London: Routledge, 2012. p. 192-197.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

GRUTMAN, Rainier; VAN BOLDEREN, Trish. Self-Translation. In: BERMANN, Sandra, PORTER, Catherine. **A Companion to Translation Studies**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MARTINS, Cláudia Santana. A autotradução como método de reflexão em Flusser. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, n. 9, p. 168-178, jan. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n9p168/18334>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. 7.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing translation studies**. London and New York: Routledge. 2004

NORD, Christiane. Translating as a purposeful activity: a prospective approach. **TEFLIN Journal**, [S.l.], v. 17, n. 2, p. 131-143, ago. 2006. Disponível em: <<http://journal.teflin.org/index.php/journal/article/view/65/254>>. Acesso em: 18 jun 2018.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St Jerome, 1997.

TANQUEIRO, Helena. **Autotradução: autoridade, privilégio e modelo**. 2002. 100f. Tese (Doutorado em Teoria de la Traducció) – Departament de Traducció i d'Interpretació, Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra.